



**Entrevista:
Boris Kossoy**

Por: Paulo César Boni

Entrevista: Boris Kossoy

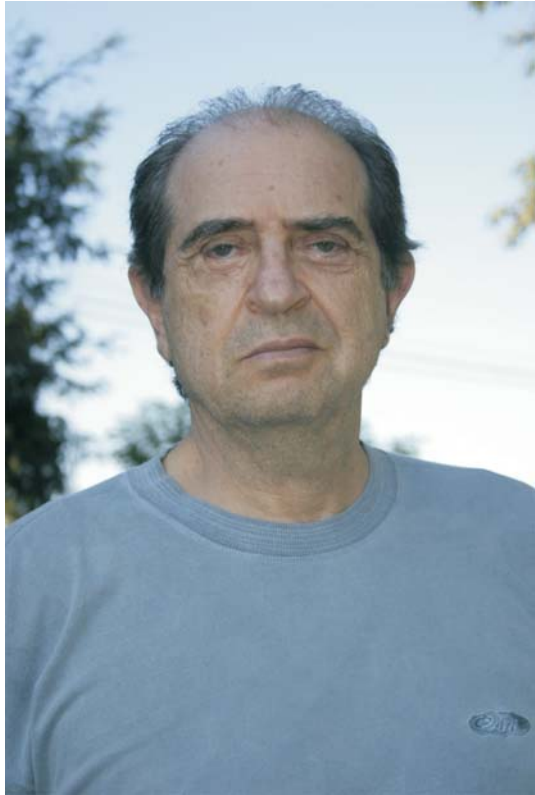
Por: Paulo César Boni

Boris Kossoy, o pesquisador que colocou o Brasil no mapa da paternidade da fotografia completa 40 anos de carreira em 2007. Na década de 70, ele enveredou por um terreno no mínimo pantanoso, o de pesquisar – e comprovar – que um francês radicado no Brasil, Antoine Hercule Romuald Florence, havia realizado, no início da década de 30 do século XIX, experimentos que poderiam render-lhe um lugar na relação dos possíveis inventores da fotografia.

Kossoy comprovou a autenticidade do conjunto de manuscritos e demais documentos produzidos por Florence, a partir dos primeiros anos da década de 30 e, com o apoio do Instituto de Tecnologia de Rochester, em 1976, demonstrou igualmente a viabilidade científica dos experimentos do pesquisador francês, o que o colocou entre os pioneiros mundiais da fotografia. A pesquisa resultou no livro Hercule Florence, 1833: a descoberta isolada da fotografia no Brasil, e que, ao longo dos últimos 30 anos, se transformou num clássico da historiografia mundial da fotografia.

Mais que isso: o vírus da pesquisa tomou conta definitivamente do fotógrafo. Nas décadas de 80 e 90, ganhou notoriedade mundial com a publicação de diversas obras em línguas espanhola, francesa e inglesa que inseriram definitivamente o nome de Hercule Florence entre os pais da fotografia, façanha que rendeu a Kossoy uma das mais prestigiosas condecorações do Ministério da Cultura da França, o título de “Chevalier de l’Ordre des Arts et des Lettres”. Considerado como um dos mais importantes historiadores e teóricos latino-americanos da fotografia, conta hoje com onze livros publicados – o último, Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo, lançado recentemente pela Ateliê Editorial.

Maduro, realizado, de bem com a vida – apesar de algumas crises do nervo ciático –, vivendo um intenso e indissolúvel caso de amor com a esposa, a historiadora Maria Luiza Tucci Carneiro, e ultimando os detalhes para a exposição retrospectiva de sua obra fotográfica, que será inaugurada em novembro de 2007 na Pinacoteca do Estado, em São Paulo, Boris Kossoy concedeu entrevista ao editor da revista Discursos Fotográficos, o jornalista Paulo César Boni.



Boris Kossoy
Foto: Paulo Boni

Entrevista

Paulo Boni – Muitos profissionais, estudiosos e pesquisadores da fotografia ficaram sabendo quem era Boris Kossoy a partir da publicação do livro *Hercule Florence, 1833: a descoberta isolada da fotografia no Brasil*, em 1977. (Depois de muitos anos esgotada no Brasil, uma terceira edição, da obra, revista e ampliada, foi recentemente publicada pela Edusp). Como surgiu a idéia de pesquisar a vida e obra de um, até então, ilustre desconhecido?

Boris Kossoy – Paralelamente à minha atividade profissional como fotógrafo, eu assinava uma página sobre fotografia para o Suplemento Literário de *O Estado de S. Paulo*. Um dia, em 1972, Eduardo Salvatore, presidente do Foto Cine Clube Bandeirantes, me apresentou a Arnaldo Machado Florence, também membro daquela associação que, no meio da conversação, me disse que seu trisavô havia inventado a fotografia. No início fiquei surpreso e cauteloso, pois o fato era pouco palpável. Mas, depois de conversas e uma série de viagens a Campinas, onde tive acesso aos manuscritos originais fui me convencendo aos poucos da autenticidade dos documentos mantidos por Arnaldo, e que seu antepassado, Hercule Florence, por tudo o que se conseguia determinar dos manuscritos poderia ter sido, de fato, o autor de experiências pioneiras da fotografia no Brasil e nas Américas, no início do século XIX. Durante quatro anos, de 1972 a 1976, pesquisei sua vida e obra através de seus manuscritos, desenhos e experimentos fotográficos com o objetivo de comprovar a fidedignidade dos textos que relatavam os métodos, técnicas e materiais empregados por Florence na descoberta de seu processo fotográfico. Nesse período trabalhei na reconstituição sistemática dessas informações. Em 1976 obtive o apoio do Rochester Institute of Technology, conceituada instituição de ensino e pesquisa fotográfica dos Estados Unidos. Durante vários meses daquele ano de 1976 as experiências precursoras de Florence foram reproduzidas nos laboratórios da instituição e os resultados foram auspiciosos. Pude reafirmar, a partir da constatação

química, aquilo que os documentos já esclareciam: que apesar dos materiais precários e das técnicas simples, Florence havia chegado a uma descoberta independente da fotografia no Brasil, na Vila de São Carlos (hoje Campinas), interior da então Província de São Paulo.

Paulo Boni – E depois...

Boris Kossoy – Bem, comprovada a autenticidade das fontes e confirmada a viabilidade técnica dos experimentos, participei ainda em 1976 do III *Simposium on the History of Photography*, organizado pela Sociedade Histórica de Fotografia de Rochester, NY. Foi este o primeiro grande momento internacional de toda essa trajetória, diante do ceticismo que cercava a possibilidade de uma descoberta realizada fora do “circuito” clássico europeu, onde ocorreram as notáveis invenções da ciência, inclusive as levadas a efeito pelos contemporâneos de Florence. O fato era visto pelos cultores da história oficial com ressalvas e desconfianças. Como uma descoberta dessa natureza poderia ocorrer num espaço tão “afastado da civilização”, num ambiente tão exótico e atrasado? Essas eram as questões que a seguir me incentivaram a retomar meus estudos de pós-graduação. No ano seguinte publiquei o livro sobre o Hercule Florence pela Faculdade de Comunicação Social Anhembí, onde lecionava à época (1977), e passei a difundir os resultados da pesquisa em congressos nacionais e internacionais e em publicações especializadas, através de artigos e entrevistas. Em 1978, convidado a participar do *I Colóquio Latino-Americano de Fotografia*, realizado na Cidade do México, fiquei surpreso em constatar que alguns pesquisadores de outros países já conheciam minhas pesquisas sobre o tema. O colóquio se constituiu num marco importante para a fotografia da América Latina; um divisor de águas entre o desconhecimento total que até então imperava acerca da produção dos países vizinhos e, o princípio de um relacionamento artístico, acadêmico e político, que a partir de então se iniciava. Dez anos mais tarde, em 1988, já mais maduro, apresentei o resultado de minhas investigações no colóquio *Les multiples inventions*

de la photographie, em Paris, ao lado de pesquisadores europeus e norte-americanos. A partir desses eventos, dos citados artigos, entrevistas e cursos, a obra de Hercule Florence começou a ganhar significativo espaço na historiografia internacional. Em 2004 o livro mereceu uma versão em espanhol, no México, através do Instituto Nacional de Antropologia e História. Depois de muitos anos esgotada no Brasil, uma terceira edição, da obra, revista e ampliada, foi recentemente publicada pela Edusp.

Paulo Boni – Após Florence, o senhor, naturalmente continuou pesquisando?

Boris Kossoy – Sempre, porém dividindo meu tempo com a produção cultural e fotográfica e, é claro, a vida acadêmica.

Paulo Boni – Na década de 70 existia alguma facilidade ou incentivo para a pesquisa [da fotografia] no Brasil?

Boris Kossoy – Pelo contrário, havia uma total dificuldade. Não havia tradição na pesquisa fotográfica no país – e o mesmo ocorria em toda a América Latina – e, em decorrência disso, os recursos para essa área eram inexistentes. Os resultados obtidos nessa época devem-se mais a iniciativas individuais que planejamentos institucionais.

Paulo Boni – Da década de 70 para os anos 2000 houve, em sua opinião, evoluções significativas na pesquisa?

Boris Kossoy – Sim, diferenças marcantes aconteceram de década para década. A fotografia foi gradativamente ganhando espaço ao longo do período. Refiro-me às diferentes áreas em que a imagem fotográfica se faz presente, no jornalismo, na publicidade e demais áreas da Comunicação, na História, Educação, Antropologia, etc. O crescente interesse pelo estudo da expressão fotográfica tem atraído um número cada vez maior de pesquisadores e em função disso as publicações vêm se multiplicando. As

agências de fomento têm participado desse desenvolvimento através de bolsas de auxílio à pesquisa e a publicações. A empresa privada também teve, desde o início desse processo, papel importante no patrocínio de obras de caráter iconográfico centradas em temáticas regionais, arquitetura, memória, etc. Trabalhos de Conclusão de Cursos, Iniciação Científica e Pós-Graduação têm se multiplicado na Universidade, estabelecendo uma base sólida de conhecimentos sobre a fotografia, sua natureza, usos e aplicações que vêm se armazenando e disseminando. Um quadro enfim promissor para o progresso científico e artístico nessa área do conhecimento e expressão.

Paulo Boni – Boris Kossoy é um pesquisador realizado?

Boris Kossoy – Seria muita pretensão da minha parte considerar-me um pesquisador realizado. Satisfeito de certa forma com o que foi possível realizar até o momento, isso sim. De qualquer modo, estou plenamente consciente que essas décadas iniciais da pesquisa fotográfica no Brasil foram a de abertura de caminhos. O campo aguarda por novas e instigantes investigações; isto também é verdadeiro no que diz respeito aos temas que têm sido discutidos e que continuam merecendo renovadas reflexões, segundo novas perspectivas e abordagens. A produção de cada um de nós nessas primeiras décadas dos estudos fotográficos representa o ponto de partida para essa área que agora se afirma.

Paulo Boni – Quais os principais fatores que podem contribuir para o progresso da pesquisa?

Boris Kossoy – A investigação consistente e bem fundamentada teórica e metodologicamente, assim como a difusão do conhecimento através do ensino e do debate sério, honesto e competente, são fatores decisivos para o desenvolvimento de um pensamento fotográfico no Brasil.

Paulo Boni – Iniciativas particulares são importantes?

Boris Kossoy – São decisivas. Muitas pessoas se dedicaram por algum interesse pessoal a pesquisar e colecionar postais, imagens fotográficas originais ou impressas e contribuíram para o conhecimento na medida em que suas descobertas se tornaram acessíveis à sociedade.

Paulo Boni – E quais acervos podemos considerar importantes?

Boris Kossoy – Os acervos de empresas privadas, associações comerciais, entidades religiosas, clubes esportivos grandes ou pequenos, escolas consagradas como as da periferia entre outras entidades, uma vez preservados, contribuem para a produção do conhecimento local e regional na medida em que tenham sua documentação fotográfica protegida.

Paulo Boni – Exemplos de pesquisadores independentes...

Boris Kossoy – O pesquisador Gilberto Ferrez (já falecido), por exemplo, dedicou-se ao estudo da História da fotografia no Brasil, área em que foi pioneiro, além de preservar cuidadosamente a obra de seu avô Marc Ferrez, o mais destacado fotógrafo do Brasil do século XIX. Além disso, Gilberto formou, ao longo de sua vida, uma importante coleção de fotografias, posteriormente adquirida pelo IMS. Ainda outro exemplo de pesquisador independente que devemos mencionar é o de Antonio Marcelino, de Salvador, que ao longo de toda a sua vida formou uma coleção inigualável de cartões postais que cobriam as mais variadas temáticas, gêneros e estilos. O local em que Marcelino armazenava essa enorme coleção tinha o sugestivo nome de “Tempostal”. Esse material se tornou conhecido em São Paulo, entre 1981 e 1982, época em que montamos uma grande exposição de exemplares raros de sua coleção no Museu da Imagem e do Som.

Paulo Boni – Exemplos de acervos especializados

Boris Kossoy – Hoje, o Instituto Moreira Sales reúne possivelmente o maior acervo particular de fotografias do país. Acervos fotográficos preservados por institutos e fundações, seja no setor privado ou público, é a garantia de preservação e manutenção de importantes documentos históricos, uma forma de proteger a memória do país.

Paulo Boni – Aproveitando que o senhor falou em documentos históricos, a fotografia, afinal, já atingiu plenamente o status de documento histórico?

Boris Kossoy – Sim, trata-se de documento insubstituível da cena passada, cujo valor para a pesquisa e descoberta é reconhecido pelas Ciências Humanas e Sociais. Seu grande desafio, entretanto, continua: o de compreender-se em profundidade sua natureza e essência, seu alcance e limites, os códigos formais e culturais que o caracteriza, os significados que escondem sob sua face exterior e que não raro nos confundem, suas múltiplas realidades, enfim.

Paulo Boni – Continuando a falar de documentos históricos, qual sua reação diante de tantas notícias de roubos de fotografias e gravuras de instituições oficiais em diversas cidades do país (Rio de Janeiro, Belo Horizonte, São Paulo e Curitiba)?

Boris Kossoy – Reagi com indignação por saber da perda de tantos documentos públicos importantíssimos para a pesquisa e para a preservação da memória do país; indignação também por constatar a falta de segurança dos museus e institutos de pesquisa do Brasil. A questão é preocupante. O poder público deve perceber que essa documentação histórica passou a se constituir em mercadoria valiosa. Os ladrões do patrimônio documental devem ser detidos. Seria uma rede, uma quadrilha? De qualquer modo parecem ser “especialistas” no material que selecionam. Quem são os receptadores? É necessário que haja uma ação enérgica contra tais atos.

Paulo Boni – Até agora, falamos do Boris Kossoy pesquisador. E o Boris Kossoy teórico? Quais suas contribuições para a consolidação de uma teoria sobre fotografia?

Boris Kossoy – Bem, é difícil dissociar uma coisa da outra, pois a teoria se consolida a partir da observação dos resultados da pesquisa empírica, da reflexão sobre métodos, de um contínuo testar das hipóteses, da comparação entre suas próprias proposições e a de outros modelos já estabelecidos.

Creio que meu trabalho se caracteriza por um constante esforço de desmontagem da imagem fotográfica, do signo, através da compreensão da natureza do sistema de representação fotográfica, dos mecanismos que regem a produção e recepção das imagens e, finalmente, das tramas que a envolvem, que compõem o seu tecido, impregnado de realidades e ficções: processos de construção de realidades assentados na ideologia, nas mentalidades, no imaginário. Tais conceitos me levaram a formular um modelo metodológico de análise e interpretação que tem constituído o fundamento de nossa atividade na área da investigação histórica. São definitivamente amplas as vertentes de investigação que abarcam os estudos das imagens. No entanto, os estudos específicos teóricos ou exclusivamente históricos (História da Fotografia) não dão conta da complexidade da fotografia enquanto objeto. Uma história da fotografia se vê esvaziada se não for pensada em função do contexto onde se desenrola a cena, se não for pensada em seus usos e aplicações, se não for, enfim percebida na trama sociocultural em que a imagem é gerada. Em contrapartida o emprego da fotografia como mera ilustração ou “prova” documental de determinado fato, deslocada do seu papel de representação construída, também levará o intérprete a uma compreensão míope do próprio fato. A fotografia deve ser compreendida em seu mútuo caminhar entre o objeto e a fonte numa definitiva relação inter e multidisciplinar.

É natural que essas percepções não foram formuladas de uma vez. São questões que me provocavam desde 1980 e que deram origem a

artigos iniciais embrionários que se transformaram no livro *Fotografia & História*, publicado em 1989 pela Editora Ática, reeditado mais tarde, em 2001, em edição revista e ampliada pela Ateliê, ao mesmo tempo em que uma versão em espanhol era editada para a América Latina pela La Marca Ed. Outros dois trabalhos onde desenvolvemos os conceitos acima surgiram ao longo dos anos: *Realidades e Ficções na Trama Fotográfica* (1999) e, mais recentemente, *Os Tempos da Fotografia, o Efêmero e o Perpétuo* (2007), livro que complementa essa trilogia.

Paralelamente a essa obra teórica outras investigações foram desenvolvidas, tendo sempre a fotografia como objeto ou como fonte de investigações, instrumento de análise e interpretação dos cenários e da vida social de outrora. No entanto, meus trabalhos dos anos 70 e 80 eram decisivamente voltados aos estudos da História da Fotografia. Tenho tentado acentuar o componente cultural e ficcional da fotografia nos usos e aplicações que dela fazem os criadores de imagens, bem como os meios de comunicação.

Paulo Boni – E quais são essas obras?

Boris Kossoy – Minha tese de doutoramento “Elementos para o estudo da fotografia no Brasil no século XIX”, defendida junto a Escola de Sociologia e Política de São Paulo em 1979 foi, no ano seguinte, publicada pela Funarte sob o título de *Origens e expansão da fotografia no Brasil; século XIX*. Ambos os trabalhos buscavam trazer referências para o melhor conhecimento do nosso passado fotográfico. A pesquisa sobre Florence teve considerável repercussão nacional e internacional e, em *Origens e Expansão...*, tentava contribuir para uma nova abordagem acerca da irradiação da fotografia, na medida em que associava essa expansão à estrutura urbana do país, pela sua estrutura social de características coloniais, pelo seu mercado diferenciado nas principais cidades da costa, pelo seu relativo reduzido consumo se comparado com os países europeus ou com os EUA, entre outros fatores.

Outros trabalhos foram fundamentais em minha trajetória como o *Dicionário histórico de fotógrafos e do ofício fotográfico no Brasil (1840-1910)*. Embora aparentemente o *Dicionário* pudesse ser interpretado como uma obra na área da História da Fotografia no Brasil, na realidade ele ultrapassa essa idéia pela utilidade que tem como obra de referência para a História Social e Cultural, bem como para a Iconografia, através da determinação científica dos documentos (datação, identificação de autoria e temática etc). Esse trabalho teve sua inspiração primeira em *Origens e Expansão...* Representa, pois, uma seqüência natural ao estudo antes referido, porém, com o passar do tempo, tomou seu próprio caminho. Foi sendo elaborado ao longo de muitos anos como banco de referências sobre fotógrafos anônimos e acabou tendo vida própria. O *Dicionário* acabou se tornando minha tese de Livre Docência, defendida em 2000 junto ao Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA.

O *Dicionário* não contempla apenas os fotógrafos, embora sejam eles os protagonistas desta obra. Julguei importante recuperar também, na medida do possível, os estabelecimentos que importavam e comercializavam produtos fotográficos. Essas casas supriam os fotógrafos com câmeras, objetivas e equipamentos em geral, materiais sensíveis os mais variados, substâncias químicas para as operações do laboratório, acessórios para cenários, etc. Esse comércio foi fundamental para o desenvolvimento da atividade fotográfica no país. Os artigos anunciados por essas casas proporcionam elementos para o estudo da fotografia no Brasil sob os prismas técnico e estético. Além desses estabelecimentos – que, acrescidos aos dos fotógrafos propriamente ditos, nos dão um panorama dos agentes envolvidos nos meios de produção da fotografia – ainda um outro tipo de comércio foi tratado: o da difusão da imagem fotográfica. Refiro-me às lojas, livrarias e demais pontos de venda que anunciavam e se ocupavam de sua distribuição. Foi nestes pontos que o público se habituou a consumir imagens contendo as feições de imperadores, guerreiros, atrizes, vistas

de cidades, paisagens e uma infinidade de outros temas que compunham a iconografia do lazer e do conhecimento veiculada através dos mais variados suportes: *cartes de visite*, imagens estereoscópicas obtidas em vidro ou em papel; chapas de vidro positivas para projeção em “lanternas mágicas”, cartões-postais, álbuns e revistas ilustradas, etc.

O levantamento subjacente a esta pesquisa cobre praticamente todo o território nacional. O resultado das pesquisas pelas diferentes regiões forneceu os elementos para a montagem de um mapeamento preliminar da atividade fotográfica no Brasil. Os levantamentos conduzidos nos acervos dos arquivos públicos e privados, bibliotecas e demais instituições nos permitiram obter, também, um mapeamento inicial da documentação iconográfica produzida pelos fotógrafos do passado. As referências a essas coleções foram pensadas de forma a orientar os pesquisadores e as próprias instituições no sentido da localização dessas fontes.

A elaboração do *Dicionário* só foi possível em função de uma ampla pesquisa de fontes. A bibliografia utilizada, embora indispensável, representa apenas uma parte menor do *corpus* documental consultado e utilizado. Dentre as várias fontes escritas e iconográficas utilizadas, os periódicos da época (representados basicamente pelos jornais e almanaques locais) constituíram-se em referências essenciais pelo tipo de informações contidas acerca dos fotógrafos. Os anúncios dos fotógrafos foram valorizados; via de regra demos a palavra a eles com o objetivo de recuperarmos a forma como se apresentavam ao “distinto publico” – tanto nas capitais mais importantes como nas localidades mais afastadas do país – e divulgavam suas habilidades, a tecnologia que empregavam, os preços que praticavam, as imagens que produziam. Através dos periódicos podemos determinar as datas de início e fim da atividade de um fotógrafo, ou as épocas em que operou em uma ou mais localidades. Foram os anúncios dos periódicos fundamentais para a elaboração deste dicionário.

Paulo Boni – Quais outras obras são significativas no contexto de sua obra?

Boris Kossoy – Dois livros essencialmente iconográficos devem ser mencionados: *Álbum de photographias do Estado de São Paulo, 1892: estudo crítico*, (Kosmos, 1984) e *São Paulo, 1900*, (Kosmos, 1988). Hoje, eu diria que são aplicações mais ou menos diretas das minhas proposições metodológicas explicitadas em *Fotografia & História*.

Paulo Boni – E *O Olhar Europeu; o Negro na Iconografia Brasileira do Século XIX*?

Boris Kossoy – Este livro, escrito a quatro mãos com a historiadora Maria Luiza Tucci Carneiro, teve sua origem em pesquisa por nós realizada para a exposição “O negro na iconografia brasileira do século XIX: a visão européia”, montada em 1988 para o Congresso Internacional da Escravidão, por ocasião do centenário da Abolição. A pesquisa foi realizada à convite do CEDHAL – Centro de Estudos de Demografia Histórica da América Latina. Após a exposição na USP, foi apresentada na Escola de Minas de Ouro Preto. Em 1990 a mostra foi remontada na França, na Maison des Sciences de l’Homme e contou com o apoio da Biblioteca Nacional de Paris. Na Europa a exposição itinerou pelo interior da França e seguiu para Portugal e Polônia. Em 1994 surgiu a idéia do livro.

Esta é certamente, uma obra iconográfica, porém não tem as mesmas características das anteriores. *O Olhar Europeu* é transmitido segundo diferentes técnicas pictóricas, além das fotográficas em uso a partir dos meados do século XIX. Seja através do desenho, seja da pintura ou da fotografia, o destino final dessas imagens era a publicação, e na maior parte dos casos eram impressas pela litografia. Trabalhos de Debret, Rugendas, Harro-Harring, Pallière, entre outros artistas viajantes, além de fotógrafos como Victor Frond, Christiano Jr.,

compõem um rico conjunto iconográfico que demonstra claramente ao estudioso em que medida a ideologia rege o olhar do artista em relação a temas como o do negro e da escravidão no Brasil.

Paulo Boni – O que o faz transitar com tanta facilidade pelo universo da fotografia?

Boris Kossoy – Penso que possivelmente o fato de ser fotógrafo teve um papel decisivo na minha trajetória como estudioso das imagens. A experiência que se ganha na práxis da produção das imagens, tanto no plano técnico como no estético, é de vital importância. Creio que, em função disso, a observação dos mecanismos de recepção da imagem também se enriquece. São condições que nos guiam na tarefa da desmontagem das imagens, nos clareiam os caminhos para a construção e interpretação da representação.

Paulo Boni – Falamos do Boris Kossoy fotógrafo, pesquisador, teórico, autor de vários livros... E o Boris Kossoy professor?

Boris Kossoy – Vejo o magistério como uma missão edificante e gratificante. Edificante no sentido de influir de algum modo na formação, carreira profissional ou acadêmica dos seus alunos ao longo do tempo. Gratificante exatamente por ver o resultado de seu empenho. Constatar que aqueles jovens de antes são hoje profissionais sérios e bem sucedidos; de modo geral têm se sobressaído como pesquisadores competentes, geradores de conhecimentos.

Paulo Boni – Em que o ser humano Boris Kossoy acredita?

Boris Kossoy – Estar sempre disposto a aprender. Privilegiar o Humanismo. Compartilhar nossos conhecimentos com os jovens pesquisadores que estão começando. Cobrar o comportamento ético sempre.